

# TRADUÇÃO COMO UMA RELAÇÃO DE AMOR<sup>1</sup>

Maria Paula FROTA<sup>2</sup>

- RESUMO: Este trabalho desenvolve a proposta do psicanalista e tradutor Potiguara Mendes da Silveira Júnior de se pensar a tradução como uma *relação de amor* e não como uma *relação sexual*. Ao encaminhar tal proposta, Silveira Jr. concentra-se na crítica ao desejo unificador dos tradutores de obterem uma identidade absoluta – e portanto impossível – com o autor e o texto estrangeiro, fazendo uma analogia entre esse desejo e o conceito lacaniano de relação sexual. Por outro lado, ele não aprofunda o conceito de relação de amor como uma alternativa de relação subjetiva (não subjetivista) em que seria preservada a diferença e obtida grande satisfação. Esse aprofundamento é que me proponho a fazer, investigando os conceitos de *língua*, de *sujeito* e, principalmente, de *amor*, em textos de Freud e de Lacan.
- PALAVRAS-CHAVE: Tradução; psicanálise; relação de amor; relação sexual.

O psicanalista e tradutor Potiguara Mendes da Silveira Júnior, num livro de 1983, intitulado *Tradução: dados para uma abordagem psicanalítica*, propôs que se passasse a enxergar a experiência tradutora como uma *relação de amor*. A meu ver, ele desenvolve um pensamento que chega a essa proposta, mas não aprofunda a problemática da relação amorosa, o que pretendo fazer neste trabalho, ainda que, necessariamente, em grau ainda restrito. Num primeiro momento, vou contextua-

---

1 Este trabalho integra minha tese de doutoramento, publicada sob o título *A singularidade na escrita tradutora*. São Paulo: Fapesp e Pontes, 2000.

2 Departamento de Letras – PUC-Rio – 22453-900 – Rio de Janeiro – RJ. mpfrota@let.puc-rio.br

lizar brevemente o percurso feito pelo psicanalista-tradutor, e, a partir daí, passo a investigar a relação de amor como uma estrutura possível de ser pensada no âmbito da situação tradutória.

Silveira Jr. inicia mostrando como os tradutores e estudiosos da tradução, de um modo geral, percebem, em seu trabalho, pontos de impossibilidade. O autor analisa textos de vários desses tradutores, de Catford a Haroldo de Campos. A título de exemplo, vejamos uma passagem em que ele apresenta afirmações feitas pelo primeiro: "é insustentável a opinião de que textos da LF [língua-fonte] e da LM [língua-meta] têm o mesmo significado", pois cada língua "é em última análise *sui generis*" e o significado "é uma propriedade da língua", cada uma tendo o seu específico (Catford citado por Silveira Jr., 1983, p.27).

A seguir, o autor mostra como esses mesmos tradutores que reconhecem a intraduzibilidade acabam por amainar ou por desprezar esse impossível; acabam, digamos assim, por recalculá-lo. Catford, após as afirmações acima, diz: "apenas pouquíssimos traços da situação [de intraduzibilidade] são relevantes" [; assim,] pode-se estabelecer um grau de equivalência "perfeitamente bom", ainda que os dois textos não signifiquem "o mesmo" (grifos de Silveira Jr., 1983, p.28, colchetes meus).

Segundo Silveira Jr., o que está por trás dessa dificuldade em admitir e enfrentar o impossível, o intraduzível, é a ilusão de completude, de perfeição. Citando Mounin, ele mostra com clareza essa ilusão, expressa no desejo de total simetria entre original e tradução:

o tradutor, para não ser "incompleto", deve fazer-se etnógrafo para, assim, poder "levantar *todas* as incertezas, evitar *todos* os equívocos, preencher *todas* as lacunas" para "descrever e nomear a *totalidade* das definições referenciais sobre uma determinada comunidade" (Mounin citado por Silveira Jr., 1983, p.24, grifos meus)

Uma passagem do "Banquete", diálogo de Platão, ilustra de forma extremamente viva a noção de completude que norteia o nosso pensamento. Nesse banquete, cada um dos presentes faz um elogio ao amor, e o trecho que destaco se insere no discurso de Aristófanes:

Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje. Havia três sexos humanos e não apenas, como hoje, dois; acrescentava-se mais um, que era composto ao mesmo tempo do masculino e do feminino e mais tarde veio a desaparecer, deixando apenas o nome: andrógino. Além disso, os homens possuíam formas redondas, tinham costas e flancos a seu redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces semelhantes sobre um pescoço

redondo, uma só cabeça para esses dois rostos opostamente colocados, quatro orelhas, dois órgãos de geração e tudo mais na mesma proporção. ... Seus corpos eram robustos e vigorosos e a sua coragem muito grande. Isso inspirou-lhes audácia e resolveram escalar o céu e atacar os deuses .... As divindades refletiram muito sobre o que poderiam fazer com os revoltosos e ... depois de longa meditação, falou Zeus: "Creio que encontrei um modo de permitir que os homens existam, mas domesticados, tornando-os mais fracos: cortarei cada um deles em duas partes, e assim obteremos esta dupla vantagem: ficarão mais fracos e mais úteis, porque serão mais numerosos para nos servir. Caminharão tesos sobre duas pernas apenas ... Depois disto, Zeus cortou os homens, assim como cortamos as frutas ou os ovos para comê-los. Ordenou em seguida a Apolo que curasse as feridas e que virasse o rosto dos cortados e o pescoço para o lado em que a separação havia sido feita a fim de que o homem, pela contemplação do corte, se tornasse mais humilde e se curasse do seu orgulho ... Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. (1996, p.95-6)

Assim como o mito da torre de Babel vem explicar o anseio dos tradutores pela língua originalmente perfeita, universal, esse mito de Aristóteles vem explicar o comportamento que nos parece tão romântico, no qual, como disse Lacan no seu Seminário sobre a transferência, cada um de nós – seres cortados em dois como um ovo cozido – sai procurando, em primeiro lugar e antes de mais nada, sua metade (1992, p.92-3). Freud também supõe um momento mítico de plenitude, aquele em que o recém-nascido, unido à mãe pelo seio, teria obtido uma satisfação plena. Por meio de um funcionamento psíquico de repetição, nossa vida seria uma tentativa incessante de restabelecer esse nirvana inaugural (1987, p.516).

O problema é que a língua pré-babélica, o ser andrógino e a unidade criança-mãe são, a rigor, mitos, e nós insistimos em esquecer esse fato, incapazes de suportar a ameaça da incompletude, da imperfeição e da assimetria. Essa nostalgia por uma situação que nunca existiu e nunca existirá nos frustra, deixa-nos melancólicos nas diversas esferas de nossa vida, aí compreendido nosso trabalho como tradutores. A psicanálise enfrenta esse impasse ao enfrentar a impossibilidade real, e mostra que o que mais nos importa nesses mitos consiste não no objeto completo imaginário, mas justamente na sua cisão. Como disse Lacan: não quero que se insista tanto na esfera, o corte é mais importante. E algumas páginas adiante esclarece por quê: cabe à falta a função constitutiva da relação de amor (1992, p.93 e 119).

A expressão “relação de amor” se refere não apenas às nossas relações amorosas mais estritas, mas às relações que travamos com objetos os mais diversos, inclusive os autores, textos, línguas e culturas estrangeiras com os quais nos relacionamos ao traduzir. Freud enfatiza o sentido amplo da palavra alemã *lieben*, “amar”, envolvendo as noções de ‘sexualidade’, ‘psicosexualidade’, ‘vida erótica’, ou simplesmente ‘vida’ (por exemplo, em “Psicanálise ‘silvestre’” e “Além do princípio de prazer”). Também tem a mesma natureza do amor a *transferência*, relação que, entre analista e analisante, desencadeia o processo analítico. Em 1909, disse Freud na última das suas “Cinco lições de psicanálise”:

A transferência surge espontaneamente em todas as relações humanas ... é ela, em geral, o verdadeiro veículo da ação terapêutica, agindo tanto mais fortemente quanto menos se pensa em sua existência. A psicanálise, portanto, não a cria; apenas a desvenda à consciência e dela se apossa a fim de encaminhá-la ao termo desejado. (1996, p.62)

Feita essa aproximação entre as relações amorosas em geral, a experiência tradutora e a psicanalítica, volto à imagem da esfera e sobretudo ao corte, conforme recomendou Lacan. Como dizia, a psicanálise – e por esta razão acho importante trazer um pouco de seu saber para a área da tradução – constitui, a meu ver, o único campo do conhecimento que enfrenta a *falta real* provocada pela mítica “cisão da esfera”; não só não a escamoteia, como vai além, atribuindo a ela um valor fundamental para a saúde e a felicidade *possíveis*. À completude que a esfera andrógina simboliza Lacan dá o nome de *relação sexual* – relação sexual não como pura e simples copulação, mas como o eros humano, o desejo em sua plenitude (1992, p.206). E, diz ele, *a relação sexual é impossível*, assim como a forma esférica, a unidade perfeita. É nesse sentido que Silveira Jr. propõe que os tradutores assumam a real impossibilidade da tradução como fusão que transforma dois em Um, assim deixando de ter, como único alvo, a imaginária dimensão da completude, a simetria perfeita entre as línguas. Escreveu ele: “A assunção do impossível como tal, radical, não nos coloca uma barreira para a abordagem da tradução e, sim, nos libera o caminho para a consideração mais precisa das questões envolvidas em seu processo” (1983, p.59).

De tal modo esboçada a problemática das relações sexual e amorosa, procuro encontrar, a partir de Freud e de Lacan, a estrutura que está em jogo em cada uma delas. Começamos por uma questão referente às suas diferenças: não será essa relação que Lacan chama de

sexual também uma relação de amor? Como entender, em termos de seus mecanismos estruturais, essa possibilidade/impossibilidade de atualização, único traço de que dispomos até agora para distinguir uma da outra?

Em seus textos sobre o amor transferencial, Freud distingue uma transferência *positiva* de uma *negativa*. No Seminário de Lacan, desde o primeiro livro, lemos passagens como as que se seguem: “deve haver dois amores, o Eros e o Agape”; em outro momento, ao perguntar “afinal de contas, o que é a transferência?”, ele próprio enuncia uma resposta na qual fala de uma *transferência simbólica* e de uma transferência diversa, problemática para a análise, que *deve ser situada no plano imaginário* (1979, p.149 e 130-1). Silveira Jr., também desse primeiro livro do Seminário de Lacan, cita ainda outra distinção: o *amor dom ativo de si* e o *amor paixão*, acrescentando que o primeiro deles *exige a reciprocidade*, enquanto o segundo, *imaginário, não considera a intersubjetividade* (Silveira Jr., 1983, p.64).

Sem dúvida contamos agora com um número bem maior de traços diferenciadores das duas formas de amar, os quais podemos agrupar em séries distintas. O amor como dom ativo parece dizer respeito àquele que ama e, se além de amar, ele exige reciprocidade, quer também ser amado, o outro é visado em sua diferença; ainda sobre esse amor, sabemos que Lacan o associa ao registro do *simbólico*. Quanto ao outro amor (a relação sexual), já sabemos que Lacan o identifica como paixão *imaginária*, qualidade que já havia atribuído à transferência *problemática*; se, como também já sabemos, essa paixão desconsidera a intersubjetividade e, por contraste com o amor ativo, podemos supor que sua natureza seja *passiva*, temos que esse apaixonado provavelmente ocupa ou imagina ocupar apenas o lugar de *objeto amado*, e não o de *amante*. Estaríamos, aparentemente, diante de um paradoxo, pois como é possível “ser apaixonado” se só se quer “ser amado” e apenas nessa medida o outro importa? Como é possível amar e ser amado de um só e mesmo golpe, já que o outro não conta como objeto de seu amor?

Visto que Freud situa o amor no centro da experiência analítica, são inúmeros os textos em que ele e Lacan discutem a relação amorosa-transferencial. O caminho que me parece mais evidente para investigar a estrutura dos dois amores – ou, em outros termos, a da relação sexual impossível de se realizar e a do amor que é possível e satisfatório – é o que tem início no conceito freudiano de *narcisismo* e chega ao conceito que, proposto por Lacan, é conhecido como *objeto*

*parcial, agalma* ou, ainda, objeto *a*. Sigamos, ao menos, a primeira parte do percurso.

De acordo com a psicanálise, há uma etapa na vida de toda criança, denominada *narcisismo primário*, em que ela ainda não tem condições de fazer uma distinção nítida entre os objetos do mundo exterior (aquele que a alimenta, por exemplo) e o seu próprio corpo, razão pela qual ela concentraria em si suas pulsões. Quando passa a contar com representações ou imagens psíquicas diferenciadas de seu eu e dos outros, a criança já não mais se encontra em um estado de onipotência narcísica, mas na fase a que Freud dá o nome de *escolha de objeto*, na qual ela pode, então, dirigir parte de suas pulsões para os objetos externos. O narcisismo primário – ou seja, o investimento pulsional e a satisfação estritamente relacionados ao próprio corpo – é necessário à constituição do eu ou, como prefere Lacan, da *imagem* do eu, uma vez que é em torno dela que se formam, pela diferença, todas as representações dos objetos do mundo do indivíduo. Mas o seu abandono também se faz necessário, condição para que o indivíduo, uma vez projetada no mundo a sua imagem, possa conferir a esse mundo a sua significação, estruturando-o e nele indo buscar a satisfação de suas necessidades e demandas. O abandono do narcisismo, contudo, não deve ser total, sob pena de o sujeito se perder no objeto escolhido, devendo haver, segundo Freud, um equilíbrio na distribuição pulsional entre o eu e os outros.

Se há um investimento excessivo de libido no objeto, o eu fica como que vazio, fragilizado, totalmente dependente do objeto que *idealiza*. Esse estado atinge sua fase mais elevada “no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor do objeto” (Freud, 1996, v.14, p.83). Anulada a auto-estima e exaltado o outro, que se torna o grande outro, *Outro*, a satisfação do amor é impossível. Não é raro encontrarmos esse estado de empobrecimento do eu entre os tradutores, muitos dos quais superestimam a escrita autoral, o valor da língua e do texto estrangeiros. Julgam sua escrita e sua língua inferiores e promovem como que um apagamento de suas inegáveis possibilidades. Experimentam um sentimento constante de impotência e frustração, atribuindo apenas ao Outro, estrangeiro, a riqueza e a beleza de expressão.

Se nessa paixão há como que um efeito de aniquilamento do eu e de suas idealizações para si próprio, em cujo lugar estaria a imagem introjetada do Outro, há por outro lado uma paixão que, da mesma forma, apaga a diferença entre o eu e o outro, mas parece constituir-se

como uma idealização mais propriamente narcísica. Trata-se de uma paixão em que haveria não uma introjeção do outro, mas a *projeção*, sobre ele, de uma imagem que o eu idealiza para si. A diferença entre o eu e o outro é igualmente anulada e o outro, do mesmo modo, passa a ser visto como perfeito, sem falha, como Outro; contudo, em lugar de se querer *ser* o Outro, se quer, embora disso o sujeito não se dê conta, que *ele* seja como o Eu. Amo o outro enquanto igual a mim, porque, sem que saiba disso, projetei sobre ele o meu eu idealizado. Esse outro a quem penso amar tampouco é, nesse caso, um outro real; a rigor, a sua imagem talvez seja ainda mais afastada do real, na medida em que ele seria puro efeito da projeção de um *eu ideal*. Apesar de possíveis variações em sua constituição estrutural, essa paixão se confunde com a anterior, uma vez que o sujeito também experimenta um sentimento de superioridade do outro e de aniquilamento de si. Trata-se ambas, em expressão freudiana, de amores infelizes.

Se, nos termos da analogia entre a tradução e essas relações patológicas que transformam dois em apenas Um, vimos, até agora, um efeito de apagamento do sujeito-tradutor, há, entretanto, uma paixão que se estrutura em detrimento do outro, do autor, da língua, da cultura e do texto estrangeiros. Uma relação cujo efeito consiste, *manifestamente*, não em um sentimento de paixão pelo Outro, mas por si mesmo. Haveria aqui uma supervalorização do eu experimentada como tal. Em outras palavras, se nos casos acima o sujeito experimentaria somente o sentir-se amante e jamais amado, ainda que numa projeção narcísica, ele aqui experimenta um amor por si mesmo, ocupando ao mesmo tempo o lugar do sujeito e do objeto, do amante e do amado. Aqui, a unidade perfeita estaria centrada no Eu. Essa megalomania é bem menos freqüente entre os tradutores, salvo naqueles casos em que eles assumem um lugar típica e tradicionalmente ocupado pelos autores, supostamente mestres da língua, seres superiores aos quais é outorgado o poder de criação. Haveria aqui um afastamento do mundo exterior e o fechamento em um universo próprio, imagem da perfeição. Podemos associar a esse tradutor-autor a figura dos tradutores domesticadores indicada por Venuti: admitida a diferença entre o que diz respeito a mim e o que diz respeito ao outro e sobre essa diferença a consideração de que o que é meu é superior, submeto o texto, a língua e os valores estrangeiros à minha vontade e ao meu talento, ao gênio de minha língua e à hegemonia de minha cultura.

Do ponto de vista da teoria freudiana, o amor possível e satisfatório se daria a partir de uma relação que, fundamentalmente, preservasse a

diferença entre as representações psíquicas do eu e do outro. O primeiro, uma vez capaz de renunciar à perfeição narcísica de sua infância e ao tipo de prazer daí decorrente, poderia obter satisfação a partir de um investimento equilibrado nos seus diferentes objetos de amor. Investimento objetual equilibrado no sentido de as pulsões visarem aos objetos amorosos, cuja satisfação traz satisfação para o eu que ama, e visarem também ao próprio eu. Desse modo, haveria como que um movimento ou ritmo pulsional que atenderia tanto às demandas do eu quanto às de seus objetos. O excesso de investimento pulsional nos objetos acarreta, como vimos, uma carência do eu, o inverso podendo também ocorrer, caso haja uma retenção de libido no eu em detrimento dos objetos.

Dada a impossibilidade, também aqui, de “completar” o desenvolvimento de minha reflexão, faço um “corte”, com a pretensão, entretanto, de ter podido mostrar a base freudiana de um amor possível e seu deslocamento para a experiência tradutora. Lacan, como disse anteriormente, por meio de diversos conceitos retoma e avança esse estudo sobre o amor, propondo uma radicalização da noção de intersubjetividade em que cada um dos termos dessa relação (graças a um *terceiro*) ocuparia a um só tempo a posição de sujeito e de objeto, de amante e de amado. Com a citação a seguir, procuro (de forma incompleta, mas que me é possível) “dar” uma idéia do que se trata:

... quando, no movimento de pegar, de atrair, de atijar,  
a mão foi longe o bastante em direção ao objeto,  
se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão  
que se estende ao encontro da mão que é a de vocês,  
e neste momento é a sua mão que se detém fixa  
na plenitude fechada do fruto, aberta da flor,  
na explosão de uma mão em chamas – então,  
o que aí se produz é o amor.

(Jacques Lacan, 1992, trad. Dulce Duque Estrada, *A transferência*)

## Agradecimento

Agradeço a Maria de Lourdes Sette a instigante interlocução.

FROTA, M. P. Translation as a love relationship. *Alfa (São Paulo)*, v.44, n.esp., p.179-187, 2000.

- **ABSTRACT:** *This paper explores the psychoanalyst and translator Potiguara Mendes da Silveira Júnior's proposal to think of translation as a love relationship rather than as a sexual relationship. In presenting his proposal, Silveira Jr. concentrates on a critique of the translators' unifying yearning for an absolute – and therefore impossible – identification with the original text and its author, elaborating an analogy between this desire and the Lacanian concept of sexual relationship. However, he does no more than sketch out his view of the love relationship as an alternative subjective (non-subjectivist) relationship that preserves difference and attains great satisfaction. My intention here is to develop this analogy a bit farther, by investigating the notions of language, subject and particularly love in texts by Freud and Lacan.*
- **KEYWORDS:** *Translation; psychoanalysis; love relationship; sexual relationship.*

## Referências bibliográficas

- FREUD, S. *Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 2v.
- \_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise. Psicanálise silvestre. A dinâmica da transferência. Sobre o narcisismo: uma introdução. Além do princípio de prazer. Trad. sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras Completas de Sigmund Freud, v.11, 12, 14, 18)
- LACAN, J. *O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O seminário: livro 8: a transferência*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- PLATÃO. Banquete. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos I*. Trad. J. Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- SILVEIRA JÚNIOR., P. M. *Tradução: dados para uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Colégio Freudiano Aoutra, 1983.